

A NOÇÃO DE ANGÚSTIA NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Márcio Roberto Malcher Furtado⁶⁷

38

Resumo: O presente artigo tem por objetivo elucidar o fenômeno da angústia dentro do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) sob a perspectiva da investigação fenomenológica-existencial. A angústia se manifesta como um dos modos de ser do *Dasein*. Ser que não está pronto no mundo, ao contrário, está continuamente a procura do vir a realizar-se. O ser-no-mundo possibilita as diferentes existências de ser do *Dasein* (ser junto às coisas, ser com os outros e ser em função de si mesmo). Logo, a angústia, como um dos modos de ser, alerta o *Dasein* de sua finitude e incompletude, impulsionando-o para o caminho da autenticidade.

Palavras-chave: *Dasein*, de-cadência, angústia, (in)autenticidade

Abstract: This article aims to elucidate the phenomenon of anguish within the thought of the German philosopher Martin Heidegger (1889-1976) from the perspective of phenomenological-existential investigation. Anguish manifests itself as one of Dasein's ways of being. Being that it is not ready in the world, on the contrary, is continuously the search for the coming to come to be. The being-in-the-world enables the different existences of being of The Dasein (being close to things, being with others and being in function of one's own). Soon, anguish, as one of the ways of being, alerts Dasein of his finitude and incompleteness, propelling him to the path of authenticity.

Keywords: *Dasein*, de-cadence, anguish, (in)authenticity

INTRODUÇÃO

O início do século XX foi marcado pela inventividade de Martin Heidegger (1889-1976). Por intermédio de sua obra *Ser e Tempo* (1927) a filosofia tradicional foi reinventada. Sua crítica à metafísica ocasionou a destruição (ou reconstrução) das ontologias tradicionais, permitindo a filosofia novos rumos. Subverteu pensamentos até então consolidados pela filosofia tradicional, acarretando novas perspectivas e debates de questões, até aquele presente momento, hermeticamente fechadas. Heidegger ousou tanto em sua reconstrução filosófica que pensadores do calibre de Husserl e Sartre não compreenderam de fato suas propostas filosóficas (GILES, 1937).

⁶⁷ Psicólogo pela Universidade São Judas Tadeu-USJT, possui formação em Pós-Graduação Lato Sensu em Filosofia e Pensamento Político Contemporâneos no Centro Universitário Assunção-UNIFAI (2019) e Bacharelado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie-UPM (2010).

Segundo Heidegger, a filosofia não havia descrito o que era o *ser*, na realidade, ao longo de toda filosofia ocidental (começando com Platão e se estendendo até Nietzsche), os pensadores descreveram *ente*⁶⁸. O ser é concebido como *ente*, não havendo diferenciação, ou seja, há uma confusão entre o ôntico (relativo ao *ente*) e o ontológico (relativo ao ser). Sendo assim, por meio de *Ser e Tempo*, Heidegger anuncia a diferença ontológica entre o ser e o *ente*, superando a metafísica para se chegar ao genuíno conhecimento do ser.

Ser e Tempo analisa o ser a partir do fundamento temporal, formulando uma ontologia fundamental. Heidegger anuncia que a questão do ser se coloca ao *ente* privilegiado, o qual é capaz de questionar o ser e que possui uma compreensão do ser. Tal *ente* é o homem, que Heidegger chama de *Dasein*⁶⁹ (HEIDEGGER, 2006, §4).

Ainda, por intermédio do *Dasein*, termo definidor do ponto de partida da analítica existencial, Heidegger pretende superar a separação entre sujeito e objeto, porquanto considera um legado prejudicial da filosofia moderna na compreensão do que seja o homem. “*Dasein* é o homem na medida em que existe na existência cotidiana, do dia-a-dia, junto com os outros homens e em seus afazeres e preocupações” (WERLE, 2003, p. 3).

O DASEIN E A ANGÚSTIA

Para investigar o *Dasein*, Heidegger se faz uso tanto da fenomenologia (“ir às coisas elas mesmas”) quanto da hermenêutica (“interpretação no horizonte da compreensão”) (HEIDEGGER, 2006, §7).

A essência do *Dasein* é existir, ou seja, maneiras de existir concretamente. O que determina o *Dasein* é a possibilidade de ser ou não ser ele próprio; possibilidades de ser autênticas ou inautênticas, isto é, pode “escolher-se, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca se ganhar ou só ganhar-se aparentemente” (HEIDEGGER, 2006, p. 78).

O *Dasein* é um ser-no-mundo, estabelecido numa condição de vivência no mundo. “A expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade” (HEIDEGGER, 2006, p. 90). Diferentemente das coisas, o *Dasein* está no mundo existindo e residindo-o. O mundo faz parte do *Dasein* e possui uma relação essencial e não acidental, isto é, um modo de ser do *Dasein*.

Perante diversos aspectos constitutivos do *Dasein* como ser-no-mundo, o atributo totalizante que determina a essência do homem se apresenta no conceito de angústia. A angústia está longe de ser tão

⁶⁸ Hervé Pasqua relata que a afirmação heideggeriana de que, até então, não havia uma séria reflexão sobre a diferença ontológica entre *ser* e *ente* é discutível. Segundo Pasqua, tal diferença foi estudada na Idade Média por metafísicos árabes (Alkindi, Alfarabi e Avicena), sendo retomada no século treze por São Tomás de Aquino e no século seguinte por Duns Escoto. (PASQUA, 1993, p.10)

⁶⁹ Segundo Huisman, Heidegger muitas vezes qualificou esse termo de intraduzível (HUISMAN, 2001, p. 103). Sendo assim, optou-se por não traduzir *Dasein*.

somente um fenômeno psicológico ou ôntico, pois é intrínseco ao *Dasein*, referindo-se a sua dimensão ontológica. Apenas o homem se angustia, pois é diferente dos demais *entes*. Logo, tem um entendimento do seu ser. *A angústia evidencia a finitude, o nada da existência humana.*

[...] o *ente* que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. A frase: “Somente o homem existe” de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irrealis e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase: “O homem existe” significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela insistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser. (HEIDEGGER, 1979, p. 59)

Heidegger deixa bem clara a distinção entre angústia e temor, não cabendo tratá-las como sinônimos. Embora seja o temor um existente fundamental mediante o qual o homem se encontra no mundo. O temor encontra-se numa esfera ôntica, isto é, numa esfera que já se encontra determinada. O temor é sempre o temor diante de algo já determinado. Assim, diz Heidegger em *Ser e Tempo*: “o que se teme, o ‘temível’, é sempre um *ente* que vem ao encontro dentro do mundo e que possui o modo de ser simplesmente dado ou ainda da co-pre-sença.” (HEIDEGGER, 2006, p.195). O temor é sempre de algo dentro do mundo, localizado, podendo ser de alguma coisa, ou de um outro *Dasein*. O temor é um arranjo anímico o qual desvia ou se distancia de algo que se teme; e assim exhibe o todo do mundo em sua estranheza e assombro. Enfim, o temor pode ter transformações: o temor pode ser o assustador, o horror ou a decepção. “Todas as modificações do temor, enquanto possibilidades da disposição apontam para o fato de que o ser-aí, como ser-no-mundo, é ‘temerosa’” (HEIDEGGER, 2006, p.197).

Conforme já mencionado, há diferenciação entre temor e angústia, pois esta é mais ampla que o temor. O temor é endereçado a um *ente* determinado da existência. Em contra partida, o objeto da angústia não possui em *ente* determinado; a angústia nos remete para a dimensão ontológica. Não se sabe diante de que se angustia e em nenhum *ente* se encontra apoio para extirpar tal inquietação. O *Dasein*, a procura de conforto, lança-se descomedidamente no contato com os *entes*, e não encontrando tal conforto, a angústia se intensifica. O *Dasein* sente-se cada vez mais estranho na angústia. O *Dasein* se angustia simplesmente por estar no mundo. É a existência enquanto tal que é angustiante. De tal forma, o *Dasein* não encontra conforto em *ente* algum. Não sabendo determinar a angústia.

O porquê a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade do *Dasein*. A própria ameaça é determinada, não chegando, portanto, a penetrar como ameaça neste ou naquele poder-ser concreto e de fato. A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo. Na angústia o que se encontra à mão no mundo circundante, ou seja, o *ente* intramundano em geral, se perde. O ‘mundo’ não é mais capaz de oferecer alguma coisa nem se quer a co-pre-sença dos outros. A angústia retira, pois, da presença a possibilidade de, na decadência, compreender assim mesma a partir do ‘mundo’ e na interpretação pública. (HEIDEGGER, 2006, p. 251)

A angústia e o nada capturam a completude do ser do *Dasein*. A angústia consiste na circunstância de existir o simples ser-no-mundo, o mundo como mundo é o princípio da angústia, o qual nos captura

por completo. O *Dasein* é angustiado pelo nada, porquanto não está em um *ente* preciso, trata-se da intrínseca cortina do ser, a qual se evidencia em nossa existência por intermédio da angústia. Logo, é a angústia que engendra o mundo como mundo. No entanto, isso não quer dizer que na angústia se engendra a mundaneidade do mundo. O ser se correlaciona com o nada, assim não se finda em nenhum *ente* definido e não pode ser jamais determinado, pois ambos designam o conjunto da existência. A angústia, nada tem a ver com os *entes* intramundanos.

De acordo com Heidegger, a angústia não conhece aquilo que a angustia:

[...] ‘estamos suspenso’ na angústia... a angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em sua totalidade. Nisto consiste o fato de nós próprios, os homens que somos, refugiarmo-nos no seio dos entes. É por isso que, em última análise não sou ‘eu’ ou não és ‘tu’ que se sente estranho, mas a gente se sente assim. Somente continua presente o puro *Dasein* no estremecimento deste estar suspenso onde não há em que apoiar-se. (HEIDEGGER, 2006, p. 252)

Na angústia o *ente* dissolve-se na sua insignificância e não oferece mais pontos de apoio para qualquer tipo de projeto. O *Dasein* é remetido unicamente a si mesmo, sem nenhuma possibilidade de desvio ou fuga. A angústia situa o *Dasein* diante daquilo que ele é propriamente: seu próprio poder ser, seu ser no mundo como tal.

A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo. Na angústia o que se encontra à mão no mundo circundante, ou seja, o *ente* intramundano em geral, naufraga. O mundo não é mais capaz de oferecer alguma coisa nem sequer o ser aí com os outros. A angústia retira, pois, do *Dasein* a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesmo a partir do mundo e na interpretação pública. Ela remete o *Dasein* para aquilo pelo que a angústia se angustia, para o seu próprio poder-ser-no-mundo. A angústia singulariza a *Dasein* em seu próprio ser-no-mundo que, na compreensão, se projeta essencialmente para possibilidades. Naquilo pelo que se angustia, a angústia abre a *Dasein* como ser-possível e, na verdade, como aquilo que, somente a partir de si mesmo, pode singularizar-se numa singularidade. (HEIDEGGER, 2006, p. 251)

O *Dasein* está imerso na angústia e muitas vezes nem a percebe, na maioria das vezes ela oferece uma estranha tranquilidade. Ao se angustiar, o homem não sabe definir de onde vem, qual seja o causador. Tal angústia não surge a todo momento, pelo contrário ela tende a ser inabitual. “[...] a angústia, entretanto, é um fenômeno que raramente ocorre, porque o homem cotidiano foge constantemente de si mesmo, e do significado próprio de ser- ele-mesmo, de sua angústia” (LUIJPEN, 1973, p. 384).

O *Dasein* torna-se desconhecido na angústia, uma estranheza que é ao mesmo tempo um não sentir-se em casa. O lado positivo do fenômeno da angústia é que ele coloca a existência diante de si mesma, “no *Dasein*, a angústia revela o ser para o poder ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo” (HEIDEGGER, 2006, p. 252). Tal estranheza indica o caminho para a autenticidade e faz com que o *Dasein* ultrapasse a si mesmo, alcançando uma situação de transcendência. O não sentir-se tranquilo deve ser considerado, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário.

O *Dasein* nunca está pronto, permanecendo sempre no processo de (re)criar-se – seja junto ao ser das coisas que lhe vêm ao encontro no mundo; seja com o ser dos outros (que possuem o mesmo modo de ser que o seu), seja se recriando em função de si mesmo – tal processo é interminável. Devido a sua não prontidão, o *Dasein* se encontra sempre diante de possibilidades de realizar-se. Logo, ao ver suas possibilidades (ao ver-se projetado no mundo) podem repetir os modos de vivência conforme a tradição ou descobrir seu próprio modo de realizar seu ser.

Conforme Heidegger, o modo conforme a tradição denomina-se modo inautêntico do *Dasein*, pois o mundo no qual ele se vê lançado apresenta-se como algo já pronto e acabado, ao existente só é dado à possibilidade de repetir o feito. O existente vê-se decaído do ser (compreendido como pura dinâmica de constituição). Já o modo autêntico, o existente descobre o seu próprio modo de realizar esse mesmo ser.

Portanto, para Heidegger a angústia provê o caminho para a autenticidade. A angústia é o meio para o poder ser mais próprio e autêntico. Assim, o *Dasein*, tomado pela angústia, é capaz de poder se escolher, de poder se referir a si de forma autêntica, adquirindo desta maneira a capacidade de ser propriamente livre, ou seja, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio. Assim, diante do fenômeno da angústia, subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada; pelo fato de singularizar, a angústia retira o *Dasein* de sua decadência, isto é, revela-lhe a autenticidade e inautenticidade como possibilidades de seu ser (HEIDEGGER, 2006).

Só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada na medida em que ela singulariza. Essa singularização retira o *Dasein* de sua decadência e lhe revela a autenticidade e inautenticidade como possibilidades de seu ser. Na angústia, essas possibilidades fundamentais do *Dasein*, que é sempre meu, mostram-se como elas são em si mesmas, sem se deixar desfigurar pelo *ente* intramundano a que, de início e na maior parte das vezes, o *Dasein* se atém. (HEIDEGGER, 2006, p. 251)

Destarte, a angústia possui uma posição privilegiada pelo fato de abrir o *Dasein* para um sentido original do ser, em outros termos, seus modos de desvelar-se ao mundo. A angústia, como disposição, é quem abre o ser-no-mundo para o *Dasein*; retira-o da de-cadência no mundo e revela a possibilidade de interpretação do ser – ser com os outros, ser com as coisas e ser consigo mesmo – e do mundo. A angústia se manifesta como um dos modos de ser do *Dasein*. Ser que não está pronto no mundo, ao contrário, está continuamente a procura do vir a realizar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da filosofia heideggeriana foram apresentados elementos do que Heidegger denominou de analítica existencial do *Dasein*. Destacou-se conceitos sobre existência e mundo presentes em sua principal obra *Ser e tempo* (1927). Ainda, tendo por alicerce as proposições do *Dasein* como ser-no-mundo, bem

como sua possibilidade de transcendência e compreensão. Inclusive, mesmo quando sua decadência nas ocupações cotidianas só parece existir, de fato, o *ente*.

Ademais, o *Dasein* se singulariza entre os demais entes intramundanos, pois é possuidor de acesso privilegiado ao sentido do ser. Desse modo, por meio da investigação fenomenológica de Heidegger, a angústia se manifesta como elemento que possibilita ao *Dasein*, por intermédio da estranheza de sua existência, acessar uma compreensão original de si mesmo. Portanto, a angústia se manifesta como um dos modos de ser do *Dasein*. Ser que não está pronto no mundo, ao contrário, está continuamente a procura do vir a realizar-se. O ser-no-mundo possibilita as diferentes existências de ser do *Dasein* (ser junto às coisas, ser com os outros e ser em função de si mesmo). Logo, a angústia, como um dos modos de ser, alerta o *Dasein* de sua finitude e incompletude, impulsionando-o para o caminho da autenticidade.

Por fim, o texto aqui apresentado, de maneira alguma, pretendeu investigar exaustivamente a conceituação sobre angústia na filosofia de Martin Heidegger. A proposta, tão somente, consistiu em apresentar conceitos introdutórios para aqueles que estão no início do percurso com o intuito de compreender parte do pensamento desse intrigante filósofo. Assim sendo, procurou-se fornecer um texto com linguagem de fácil entendimento, sem ser simplista ou reducionista.

REFERÊNCIAS

GILES, Thomas Ranson. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Introdução à metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Que é metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

HUISMAN, Denis. *História do existencialismo*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. *Introdução à Fenomenologia existencial*. Trad. Carlos Lopes de Matos. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura do Ser e tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

WERLE, Marco Aurélio. *A angústia, o nada e a morte em Heidegger*. Trans/Form/Ação, Marília, v. 26, n. 1, p.97-113, 2003. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732003000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27/11/2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>.